

3. As escolas da coleção, em frente e verso

O que torna tão incomparável e tão irrecuperável a primeiríssima visão de uma aldeia, de uma cidade na paisagem, é que nela a distância vibra na mais rigorosa ligação com a proximidade (Benjamin, 1995:43).

...o tipo de historiografia almejada pelo autor das Passagens: concreta, palpável e fazendo o leitor sentir a fisionomia dos objetos e das pessoas (Bolle, 2009:52).

Conforme explicitado anteriormente, de acordo com o Benjamin (1995), na singularidade reside a possibilidade de compreensão da totalidade. Nesta perspectiva, as fotografias de pátios escolares são mais que imagens-fragmentos. Juntas, e assumindo um caráter comparativo, elas possibilitam conhecer a situação da Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro.

Algumas perguntas norteiam o exercício de olhar para o campo: qual a dimensão do espaço? Que elementos o compõem? Como esses elementos estão organizados? De que materiais são feitos? São velhos ou novos? São bem conservados ou não? O espaço dá oportunidade das crianças se movimentarem, correrem, pularem, brincarem e se expressarem? Disponibiliza a elas diferentes materiais, naturais e sintéticos? Qual a impressão estética causada por estes espaços? Há marcas ou vestígios da presença das crianças nos pátios? E dos adultos? Que condições estes espaços possibilitam para que as crianças estabeleçam relações pedagógicas e políticas entre si e com os adultos? Quais os vestígios das gestões e das políticas?

As análises procuram considerar as características físicas dos espaços e as características de uso/s desses espaços, ou seja, suas dimensões material e simbólica.

A seguir estão as escolas. Se, juntas, elas compõem a coleção da tese, separadas são peças com contexto e história próprios. É este movimento de análise que o capítulo faz: olhar para as escolas considerando sua singularidade e compreendendo seu contexto. Conhecer cada uma implica identificá-las, marcando a alteridade em relação às demais. Por isso, neste capítulo, as escolas ganharam nomes.

As análises acompanham as fotografias na forma de textos/legendas, em narrativa referente às imagens. Mas as fotografias, além de frente, têm verso, onde

se costuma encontrar pistas: datas, locais, anotações. Esse tipo de informação permite conhecer para além do que se vê. Por isso, após as legendas das escolas há textos sobre o verso das fotografias, os quais apresentam dados¹ dos municípios onde as escolas se localizam².

3.1. A escola reluzente

No município 1 há uma escola que reluz. A placa ao lado da porta anuncia que foi construída com recursos do governo municipal e inaugurada em abril de 2009³.



3.1.a. Vista externa da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.1.b. Entrada da edificação
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.1.c. Vista no pátio externo
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.1.d. Vista lateral
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

¹ Tais dados referem-se aos questionários da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo INFOC entre 2009 e 2011.

² A codificação das fotografias tem como critério dois dígitos e uma letra. Os dígitos são os mesmos que identificam a escola no sumário e a letra indica a fotografia em si.

³ As fotografias desta escola foram tiradas sete meses após sua inauguração.

A visão da escola impressiona, uma edificação baixa se esparramando no centro de um generoso terreno, bandeiras tremulando. A escola reluz, tão nova e bem cuidada, mas tem feições sisudas: linhas retas, muitos ângulos, faixas. Tirando o letreiro que anuncia que ali é uma creche municipal, nada mais demonstra que é um espaço da Educação Infantil. Poderia ser do Ensino Fundamental, ou mesmo do Ensino Médio. Não há árvores, nem mudas, nem qualquer outra construção no terreno. O espaço externo é liso, mostra-se todo ao observador e não há nem o quê nem onde se esconder. Descampado. A edificação reina no terreno, com seus azulejos azuis e laranjas que exibem as cores do município como quem grita: fomos nós que fizemos, sem ajuda de ninguém!

No pátio externo, a grama bem aparada não exhibe falhas nem marcas. Aqui e acolá, indícios de que a escola está ganhando vida: vasos de plantas, cartazes fixados na grade e no mural, enfeites coloridos e palavras amigáveis nos vidros das portas e janelas. Mas esses são indícios produzidos pelos adultos que ali trabalham. Das crianças, ao menos na parte externa da escola reluzente, nenhum vestígio.



3.1.e.Pátio interno
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.1.f.Pátio interno
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.1.g.Pátio interno
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Adentrando a escola, a surpresa: um razoável pátio interno com claraboia por onde entra luz natural. O colorido alegre chama logo a atenção. Brinquedos e paredes deixam claro que é um espaço para as crianças, contrastando com a seriedade do exterior da escola. Será também um espaço das crianças?

Este pátio interno, para o qual dão todas as salas, é fechado por uma cerca de madeira com apenas um acesso. As estacas remetem a lápis de cor. Será um espaço de encontro, interação e convivência entre as crianças das diferentes turmas? A cerca denuncia que a entrada neste pátio não é franqueada às crianças, mas decidida pelos adultos.

Por ser coberto, o pátio interno oferece a possibilidade das crianças saírem das salas e brincarem em espaços maiores mesmo em dias chuvosos. Também recebe iluminação natural, que contrasta com a grama sintética⁴. Esta parece ser um bem a ser cuidado: adultos entram descalços e crianças, de meias. A grama sintética chama atenção por seu toque áspero, não suave como a natural. É feita de plástico, em polietileno. E como não há terra por baixo, mas cimento, a pisada é dura. É uma tentativa mal sucedida de imitação da natureza. Fica a dúvida: por que esta escolha, se no pátio externo há grama?

Os brinquedos são de material sintético, plástico. Os mesmos encontrados em parquinhos de shopping centers, clubes e casas de festa. Piscina de bolas, escorrega, casinha, túnel, roda-roda, gangorra: tudo em plástico colorido. De material natural, só a madeira da cerca e a estrutura do balanço, de ferro.

Na escola reluzente as profissionais também brilham, com roupas assépticas, jalecos brancos imaculados. Chama atenção a opção por estes uniformes numa escola recém-construída: vestígios do passado da Educação Infantil, de uma concepção higienista que retornou ou que nunca deixou de estar presente, mas que agora é explícita com a intenção de ser sinônimo de qualidade?

As paredes que circundam o pátio interno são pintadas, coloridas e enfeitadas, como são também as portas de cada sala. Nestas, lê-se a quem pertence aquele espaço, professoras e turma. Mas, da mesma forma que na área externa, são as marcas dos adultos que aparecem. As crianças circulam, brincam neste

⁴ Ainda que essa escola não tenha sido construída com recursos do Proinfância, vale ressaltar que o Memorial Descritivo dos projetos das escolas tipo B e C deste programa recomendam grama sintética ou areia como piso dos playgrounds. Disponível em <http://www.fn-de.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-projetos-arquiteticos-para-construcao/proinfancia-tipoc> e <http://www.fn-de.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-projetos-arquiteticos-para-construcao/proinfancia-tipob>. Acesso em 02/01/2014.

pátio interno, mas parecem passar flutuando, sem deixar vestígios: não há produções das crianças nas paredes, nem brinquedos espalhados pelo pátio, nem sandálias nos cantos do parquinho...

Tal como a peça mais importante de uma coleção, aquela que se guarda embrulhada em papel de seda e só sai da caixa para ser brevemente admirada, nesta escola é tudo tão reluzente, tão novo (e sabe-se lá por quanto tempo as profissionais esperaram por ela), que é possível que queiram manter seu cheiro de novidade e sintam pena de macular tamanha preciosidade com as marcas do uso, das crianças, da vida.

No verso...

O município 1 tem população de 109.000 habitantes e 275,867 km² de extensão. A localidade começou a ser colonizada em meados do século XVII e, com terras férteis, até 1880 foi lugar de intensa atividade rural e comercial, exportando em grande escala cereais, café, farinha, açúcar e aguardente. No início da década de 80 este município ganhou notoriedade econômica pela inauguração de seu porto, que hoje é um dos maiores e mais modernos da América Latina, fundamental na exportação da produção brasileira de minério. De lá para cá o município 1 tem recebido investimentos públicos e privados, majoritariamente relacionados ao incremento da atividade portuária, mas que dinamizam a economia de todo o município⁵.

Tais investimentos dão pista sobre a escola reluzente e o orgulho estampado em si. Não deixa de ser curioso que, construída em 2009, a organização das salas desta escola, dispostas ao redor do pátio interno, remeta à escola-modelo do jardim de infância de Madrid no século XIX, inspirada nas ideias de Froebel (FRAGO E ESCOLANO, 2001). No entanto, as fotos mostram que a cerca que envolve o pátio dificulta que este espaço comum se firme como lugar de encontro, uma vez que o acesso não é livre.

Em relação às formas e substância presentes nos materiais da escola reluzente, eles precisam ser consideradas: dão a conhecer os brinquedos e evidenciam as marcas de uma época e de sua estética. O aburguesamento do brinquedo pode ser percebido pela sua forma, sempre funcional, e pela substância.

⁵ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br

Ao lidar com um brinquedo funcional “a criança só pode assumir o papel do proprietário, do utente e nunca o do criador; ela não inventa o mundo, utiliza-o: os adultos preparam-lhe gestos sem aventura, sem espanto, e sem alegria” (BARTHES, 2001:42).

O plástico, quase onipresente na escola reluzente, é produto de química, no sentido de artificial, e não produto de natureza. É matéria ingrata, pois tem uma aparência que é grosseira e higiênica ao mesmo tempo, que mata o prazer, a suavidade, a humanidade do tato. Nem duro nem profundo, o plástico fica perdido entre a borracha e o metal (BARTHES, 2001).

É uma substância *alterada*: seja qual for o estado em que se transforme, o plástico conserva uma aparência flocosa, algo turvo, cremoso e entorpecido, uma impotência em atingir alguma vez o liso triunfante da Natureza. Mas aquilo que mais o trai é o som que produz, simultaneamente oco e plano. O ruído que produz derrota-o, assim como as suas cores, pois parece poder fixar apenas as mais químicas: do amarelo, do vermelho e do verde só conserva o estado agressivo, utilizando-as somente como um nome, capaz de ostentar apenas conceitos de cores (BARTHES, 2001:112).

Material diferente é a madeira, que tem firmeza, brandura, calor e que vai assumindo as marcas do uso. Ao ser batida, a madeira produz um som surdo e nítido.

É uma substância familiar e poética, que deixa a criança permanecer numa continuidade de tato com a árvore, a mesa, o soalho. A madeira não magoa, não se estraga também; não se parte, gasta-se, pode durar muito tempo, viver com a criança, modificar pouco a pouco as relações entre objeto e a mão; se morre, é diminuindo, e não inchando como esses brinquedos mecânicos que desaparecem sob a hérnia de uma mola quebrada. A madeira faz objetos essenciais, objetos de sempre. Ora, já praticamente não existem brinquedos de madeira, esses ‘redis dos Vosges’, só possíveis, é certo, numa época de artesanato. O brinquedo é doravante químico, de substância e de cor; a própria matéria-prima de que é constituído leva a uma cenesesia da utilização e não do prazer. Estes brinquedos morrem, aliás, rapidamente, e, uma vez mortos, não têm para a criança nenhuma vida póstuma (BARTHES, 2001:42).

No pátio interno da escola, de madeira só se vê a cerca em forma de lápis, Cerca, aliás, que impede o livre acesso ao pátio. A primazia é do plástico – material tido, ilusoriamente, como mais limpo.

A escola reluzente parece ser a jóia da Educação Infantil do município 1. Porém, precisa-se de muito mais jóias como essa. Este município tem muito a ampliar seu atendimento à Educação Infantil, cujo índice é médio/baixo⁶, com taxa de cobertura de 18,4% da população de crianças de 0 a 3 anos. Isso significa que das 6.774 crianças de 0 a 3 anos apenas 1.247 estão matriculadas (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b).

A Educação Infantil está organizada em dez escolas exclusivas de Educação Infantil, sendo sete creches e três pré-escolas. A maior parte das crianças está em turmas de Educação Infantil inseridas em trinta e duas escolas de Ensino Fundamental, sendo uma federal e trinta e uma municipais. No município 1 não há escolas conveniadas.

Lá, para ingressar na rede é exigido apenas o Ensino Médio na modalidade Normal e não há concurso específico para professores de Educação Infantil. Em relação à formação, ela acontece através de cursos, oficinas, palestras, eventos e grupos de estudo. Mas, especificamente quanto à formação para a Educação Infantil, o município não soube informar se oferece para professores, mas afirma oferecer para os auxiliares que trabalham diretamente com as crianças⁷.

A escola reluzente é uma joia. É valiosa ao município 1, que a exhibe com orgulho. Joias não são objetos cotidianos, mas especiais, que adornam quem a usa. Joias causam impacto, a ponto de marcar as memórias de infância de Benjamin (1995). Ele escreve sobre a jóia ovalada que sua mãe só usava em festas:

Era meu encanto sempre que podia observá-la. Pois, nos milhares de pequenos lumes lançados por suas orlas, percebia-se nitidamente uma música de baile. O minuto solene, no qual minha mãe a retirava do cofre, onde costumava ficar guardada, evidenciava seu duplo poder. Representava para mim a sociedade, cujo núcleo, de fato, se encontrava no cinto de minha mãe; mas representava também o talismã que a protegia contra

⁶ O índice de atendimento dos municípios fluminenses à população de 0 a 3 anos foi calculado pela pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011. Considerando as metas do PNE (BRASIL, 2001) para as crianças de 0 a 3 anos, foram criados quatro grupos de intervalos para as crianças de 0 a 3 anos. Os municípios que atendem mais de 50% da população desta faixa etária são considerados com alto índice de atendimento; os que atendem de 30% a 50% são considerados com médio índice; os que atendem de 16% a 30% são considerados com médio/baixo índice e os que atendem até 15% são considerados com baixo índice de atendimento (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b).

⁷ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

tudo o que, do mundo exterior, pudesse ameaçá-la. Sob sua guarda, também me sentia a salvo (BENJAMIN, 1995:102).

A escola reluzente causa impacto em quem a vê. O que torna esta escola especial é, além da construção em si, seu estado de conservação. Tudo reluz nesta escola recentemente construída, o que não significa que uma escola antiga seja ruim. Mas, como as joias que são usadas em ocasiões especiais, esta escola é também especial, pois é exceção na rede pública. Ela é peça que se destaca na coleção, enfeitada uma rede que não é de todo bonita: “a riqueza de uns poucos é camuflada, ficando cada vez menos exposta no corpo e cada vez mais flagrante na pobreza de muitos” (KRAMER, 2003:152). Diante da situação deficitária de vagas de educação infantil no estado do Rio de Janeiro (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b), uma escola joia é menos importante que muitas escolas sem luxo, simples, mas não banais. Que funcionem em espaços adequados, bem cuidados e que ofereçam boas condições de convivência e aprendizado às crianças e de trabalho aos profissionais.

Mas é preciso que se diga: uma escola reluzente não é garantia de um trabalho pedagógico de qualidade, pois “será que durante anos a fio não temos ensinado nossos professores a adornar a sua linguagem e os aparatos escolares de tal forma que eles aprendem a fazer com que as coisas pareçam diferentes, mantendo-se, porém, as mesmas?” (KRAMER, 2003:156). A tese se pergunta: será que uma escola reluzente é mais adorno que mudança, fazendo parecer diferente o que continua a se manter igual? Muda o espaço, mas não mudam as concepções e práticas? As roupas brancas das profissionais que aparecem nas fotografias, e que lembram mais enfermeiras que professoras, fazem temer que a resposta seja sim.

3.2. A escola acolhedora

Esta é uma escola que atravessa décadas. Construída em 1925 em estilo eclético, foi originalmente nomeada como “Jardim de Infância”. Uma senhora simpática, pode-se dizer.



3.2.a.Fachada da escola

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Tanto o muro como a edificação tem detalhes em pedra. Na fachada, detalhes em madeira, assim como o teto com tesouras aparentes, um tipo de construção no qual o baixo custo não é prioridade. Logo na entrada os mastros lembram a identidade pública e oficial da escola. Na entrada, a rampa garante a acessibilidade.

A escola tem dois pátios e um corredor frontal. O pátio menor, coberto, atualmente é usado como refeitório. A escola acolhedora tem esse nome pois o espaço coberto logo na entrada parece acolher quem chega. Com enorme pé-direito, este espaço é dentro, mas também é fora, oferece uma entrada suave e convida a chegar de mansinho, a sentir-se à vontade.



3.2.b.Entrada da escola

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.c.Rampa e escada de acesso

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

As salas de aula, banheiros e cozinha dão para esse pátio coberto. As portas, pintadas de verde, são largas, duplas e decoradas com um pórtico. Há três grandes murais nas paredes, onde se veem produções sobre folclore. As produções, que mostram a presença das crianças, predominantemente expressam a singularidade de seus autores em desenhos e pinturas. Também na escrita que está como legenda da turma: as letras infantis e a escrita em processo de aquisição indicam quem são seus autores. Porém também se vê, aqui e acolá, algumas figuras mimeografadas preenchidas com colagens das crianças.



3.2.d.Mural na parede do refeitório
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.e.Refeitório, vista para fora
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Chama atenção o mural informativo improvisado logo na entrada do pátio coberto. Preso entre dois bancos, o mural não inspira firmeza e, portanto, segurança. Do lado que dá para dentro o mural está forrado de chita, como os demais, e tem dezenas de fotos das crianças que ali estudam com um título referente à inclusão. Do lado que dá para fora o mural está esvaziado, apenas algumas folhas mal presas. Esse lado chama atenção porque, apesar de dar para a entrada da escola, ou seja, para fora, é o verso do mural, é onde está o acabamento do forro de chita.



3.2.f.Mural, lado para fora
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.g.Refeitório
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Ao fundo e no alto, sem muito destaque está uma foto do homenageado que dá nome à escola, poeta parnasiano e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Porém, naquela altura, não há como as crianças lerem o que está escrito na placa...

Mas a escola acolhedora também tem suas dificuldades e não consegue escondê-las: na bancada entre os banheiros, o balde embaixo da pia para o vazamento.



3.2.h.Pias e murais
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Atrás da coluna estão sacos de terra e uma corrente, a fácil acesso das crianças. Também uma vassoura, um cesto de lixo e, em cima da pilastra, uma pá. Esta última oferece perigo às crianças...



3.2.i. Vista lateral da entrada
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.j. Detalhe no pátio frontal
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Na área de ligação entre o pátio coberto e o pátio grande estão dois brinquedos, uma casinha e um módulo com escorrega. Também são de plástico e do mesmo fabricante que as casinhas da escola reluzente e da que não deveria ter sido. Mas essas casinhas estão em todo lugar?!? No mesmo espaço se veem duas cadeiras de plástico coloridas, pequenas, derrubadas no chão: rastros das brincadeiras das crianças.



3.2.k. Pátio frontal e acesso ao pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.l. Acesso ao pátio e brinquedos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A grade com pequeno portão demarca a entrada no pátio grande, mostrando que o acesso não é liberado. O pátio é bastante amplo, possibilitando às crianças correr, pular, brincar. É todo cercado por uma grade alta, que certamente foi colocada a posteriori: o muro baixo que envolve a escola comunica o projeto original. Neste pátio há muitos brinquedos, de plástico, mas também de madeira e

de ferro. Parecem ter sido comprados em momentos diferentes: os de madeira e ferro mais antigos, os de plástico mais recentemente.

Os brinquedos de plástico são modelos pré-fabricados, como os que se encontram em tantas outras escolas. Há muitos: um túnel, uma segunda casinha, módulos com escorregas (sendo um menor e outro maior), um par de gols, um escorrega pequeno, dois balanços de chão em forma de cavalo marinho para uma criança, um balanço de chão para duas crianças, um cesto de basquete. Esses brinquedos não têm nada de artesanal, nenhuma marca ou impressão de mão humana, nenhum traço de criação: a única ação do ser humano em sua confecção deve ser o breve apertar de um botão. Esses brinquedos são feitos em indústrias, em máquinas que moldam o plástico em cores vivas. No entanto, as cores parecem, na verdade, mortas. Pois não se modificam nunca: não esmaecem sob a ação das crianças nem do tempo. Esses brinquedos partilham de uma mesma estética: iguais em todo lugar, invadem as escolas, unindo-as por essa estranha semelhança.



3.2.m.Balanços

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Mas, a despeito do reinado dos brinquedos de plástico, há também os de madeira e ferro. A estrutura em madeira rústica, os troncos que sustentam os balanços dão a possibilidade das crianças terem contato com um material natural. Apesar de certamente receber um tratamento, a madeira conserva sua cor, sua textura e seus contornos, que são únicos: os troncos que hoje seguram esse

balanço não são iguais a nenhum outro. Dali descem correntes de ferro que terminam em duas cadeirinhas, completando os balanços nos quais as crianças podem sentir a sensação de ser carregado para frente e para trás, o vento no rosto e nos cabelos.

O chão de toda área externa é de pequenos blocos de concreto, bem assentados. Por que quase não se vê mais grama nos pátios? Manutenção cara? Receio de que as crianças se sujem? Somente em duas pequenas áreas o chão do pátio é de terra: embaixo dos balanços e embaixo do brinquedo de ferro no qual as crianças atravessam pendurando-se pelos braços (em foto mais adiante).



3.2.n.Pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Neste pátio há também alguns bancos, que convidam ao descanso, à conversa, ao lanche. Dois são de madeira, uma está na lateral direita do pátio e outro mais à esquerda, colado na casinha. Ambos têm a pintura descascada: ação das crianças ou do tempo? Provavelmente dos dois. Junto ao canteiro que cerca uma árvore grande e algumas plantas estão dois bancos de concreto, iguais aos que estão no pátio da escola que não deveria ter sido.

Na escola acolhedora e também no seu entorno há árvores grandes, que devem estar lá há bons anos. Generosamente cobrem o pátio com sua sombra, refrescando as crianças em suas brincadeiras.



3.2.o.Árvore

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No canto do pátio há um canteiro com uma grande árvore e algumas plantas, cercado por uma mureta com grade. Essa grade, porém, tem um pequeno acesso que permite às crianças entrar nesse canteiro. Junto a ele estão os dois bancos de cimento.



3.2.p.Pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.q.Pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Em outro ângulo, através dos balanços, vê-se ao fundo uma estante em forma de casinha encostada na parede. Parece meio deslocada ali. No meio do pátio uma surpresa: um cavalo de pau esquecido no chão.



3.2.r.Cavalinho de pau
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.s.Casinha
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

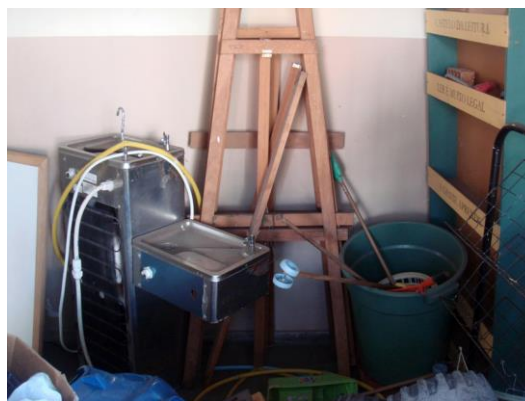
A casinha é de alvenaria e está pintada com as mesmas cores da escola, marrom e bege. Tem uma varandinha e dois cômodos, sendo um com duas janelas com grades de ferro pintadas de verde. Interessante que olhar para esta casinha, tal qual a casinha da escola desencantada, imediatamente remete à própria escola e não a uma simples casinha. Por que as gestões decidem pintar as casinhas com as cores da própria escola? Opção ou falta de opção?

Esta casinha tem, junto à porta, uma placa vermelha onde se lê o nome da escola e “Casinha dos sonhos”. Abaixo, as datas de inauguração da escola (1925) e da casinha (1995) e a frase “quando a gente sonha junto é a realidade que começa”. Por último, a palavra “gestão” seguida de dois nomes. Embora no contexto brasileiro aconteça da comunidade escolar eleger pessoas importantes para si e homenageá-las dando seus nomes a escolas, salas de leitura, casinhas de boneca, neste caso chama atenção, mais do que os nomes dos gestores na placa, o fato de terem sido colocados lá por eles próprios. Foi a gestão que construiu a casinha de bonecas e que, borrando a fronteira entre o público e o privado, deixou seus nomes em atitude auto referente.

A casinha deve ter sido mesmo bastante sonhada, mas mais de uma década após ter sido construída, ela parece ter se transformado de casinha dos sonhos em pesadelo – pelo menos para as crianças. Pois, o que se vê é uma casinha transformada em garagem e depósito de entulhos.



3.2.t.Detalhe da casinha
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.u.Detalhe da casinha
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No primeiro cômodo ficam estacionados carrinhos de brinquedo das crianças e no segundo estão objetos dos mais diversos: um bebedouro, um cavalete, uma estante tipo cantinho de leitura, uma estante de aramado, um quadro, caixas de papelão (de televisão e de resmas de papel), um balde com o que parecem ser cavalinhos de pau e um túnel de brinquedo, desses de tecido.

Ao lado da casinha estão um par de golzinhos de plástico e um brinquedo de ferro no qual as crianças atravessam penduradas. No muro, uma pintura com temas infantis e o nome da escola.



3.2.w.Pátio com lateral da casinha ao fundo
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.2.x.Pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A escola acolhedora parece viver sem receio de mostrar que é viva, que tem uma história, mas que tem lá suas dificuldades também.

No verso...

O município 2 tem população estimada em 487.562 habitantes, com área de 133,916 km². É um município de relevância histórica, política e econômica, que remonta à chegada dos portugueses ao Brasil. Desde esse período foi palco de guerras e disputas entre índios, portugueses e franceses, que cobiçavam a terra. Atualmente é um dos principais centros financeiros, comerciais e industriais do Estado do Rio de Janeiro. Tem investido fortemente em atividades relacionadas à exploração de petróleo e gás, como estaleiros e empresas de reforma e manutenção de plataformas, além de construção de embarcações para o transporte de passageiros⁸.

A escola é acolhedora, mas o município está longe de acolher todas as suas crianças: da população de 19.721 crianças de 0 a 3 anos apenas 3.425 estão matriculadas, o que caracteriza um índice de atendimento médio/baixo, com taxa de cobertura de 17,4% (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). Apesar de não saber informar sua população de crianças de 0 a 6 anos, a Educação Infantil neste município está organizada da seguinte forma: uma creche federal, 15 creches municipais, 7 pré-escolas municipais, 22 creches e pré-escolas municipais, 19 escolas de ensino fundamental com turmas de Educação Infantil, uma creche conveniada e 34 creches e pré-escolas conveniadas (as instituições conveniadas recebem merenda e capacitação de pessoal). No município 2 há uma equipe específica para acompanhamento semanal das creches e pré-escolas, com 9 profissionais. Há também formação específica para os profissionais da Educação Infantil, oferecida em parceria com a universidade federal do município. Participam da formação professores e auxiliares de rede pública e da rede conveniada, estudantes de ensino superior e equipe pedagógica. Os profissionais estatutários, que têm plano de carreira, ingressam na rede por meio de concurso não específico. Os professores de pré-escola são estatutários e os professores e auxiliares de creche são celetistas. Em relação ao cargo de diretor das instituições de Educação Infantil, na maioria das escolas são eleitos pela comunidade escolar. No entanto, no caso de instituições novas ou conveniadas, o cargo de diretor

⁸ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br

normalmente é assumido por alguém indicado. O tempo de mandato é de três anos e basta ter o Ensino Médio na modalidade Normal para poder assumir este cargo⁹.

No caso da escola acolhedora, como as demais construídas no período da primeira república, ela é caracterizada pela amplitude de espaços. É exemplo do estilo eclético, apesar de ter sido inaugurada em 1925, década na qual a forma e cultura escolares começaram a ser repensadas de acordo com as ideias do movimento escolanovista. Como nesta época a educação primária no Brasil era descentralizada, ou seja, era atribuição dos estados e não havia diretriz nacional, as mudanças nas escolas, ressignificando os tempos e os espaços, se deram com diferenças de estado para estado (FARIA FILHO e VIDAL, 2000).

A escola acolhedora, construída há quase um século, é atual nas possibilidades que seu pátio oferece às crianças. Se no início do século XX este era espaço de controle dos movimentos do corpo, tanto na hora do recreio como em atividades como ginástica ou canto (FARIA FILHO e VIDAL, 2000), hoje o pátio é espaço de muito mais: de correr, pular, se movimentar, brincar coletivamente ou só, encontrar, desencontrar, explorar, exercitar a curiosidade. O pátio da escola acolhedora oferece essas possibilidades às crianças, pela sua amplitude, pelos diferentes elementos naturais e não-naturais presentes, pelos seus recantos e esconderijos.

Chama atenção a quantidade de brinquedos de plástico neste pátio, semelhantes aos da escola reluzente [3.1.] e da escola que não deveria ter sido [3.9]. Estes brinquedos, que na última década vêm se espalhando por áreas de lazer de prédios, condomínios e shoppings, hoje estão cada vez mais presentes nos pátios das escolas de Educação Infantil. Por quê? Tomando como moda a entrada dos brinquedos de plástico nas escolas, pode-se ler essas criações como “sinais secretos das coisas vindouras”. Pois, “quem os soubesse ler, saberia antecipadamente não só quais seriam as novas tendências da arte, mas também a respeito de novas legislações guerras e revoluções” (BENJAMIN, 2006:103).

Segundo um fabricante deste tipo de brinquedos, eles são feitos em polietileno, material resistente e atóxico, através da rotomoldagem, técnica na qual o plástico (polímero) é aquecido e fundido em um molde. As características mais destacadas pelo fabricante são segurança e durabilidade: os produtos não têm

⁹ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

cantos vivos ou rebarbas de acabamento, não têm farpas ou desenvolvem ferrugem, a durabilidade da cor é garantida pelo polietileno e a limpeza é feita somente com água e sabão¹⁰.

Mas as vantagens oferecidas pelo fabricante, por si só, não explicam o fato de cada vez mais haver brinquedos como estes nos pátios escolares. Uma recomendação do MEC pode ajudar a entender este processo. O “Manual descritivo para aquisição de mobiliário” das escolas tipo B e C do Proinfância, tanto a versão válida até 2012 como a atual, recomenda cinco brinquedos de pátio, dos quais quatro são de polietileno. No manual válido até 2012, ainda disponível no site do FNDE, há fotos dos brinquedos, com a observação de serem meramente ilustrativas. Mas uma rápida busca na internet mostra que as fotos que ilustram o manual foram tiradas do site de um revendedor dos brinquedos. No manual em vigência desde 2013 não há fotos, mas especificações técnicas exatas de cada um dos brinquedos: túnel, carrossel, casa de boneca, escorrega e gangorra. Apenas o balanço é recomendado que seja em ferro. Para complementar, os memoriais descritivos dos projetos das escolas tipo B e C do Proinfância, tanto os válidos até 2012 como os vigentes recomendam que o piso dos playgrounds seja em areia filtrada ou grama sintética. Cabe ressaltar que esta última também é feita de polietileno, mesmo material dos brinquedos¹¹.

A questão vai além: o FNDE, que é uma autarquia federal vinculada ao MEC, na página do site dedicada ao Proinfância, apresenta uma “metodologia inovadora” que visa “o atendimento a três premissas básicas do processo de implantação e expansão do programa Proinfância: Custo da Construção, Tempo de execução e Qualidade da construção¹²”. As vantagens do novo método são ressaltadas: agilidade e qualidade no processo licitatório; menor preço; agilidade na construção, qualidade da construção e limpeza da obra e sustentabilidade¹³. Isso significa que o FNDE, no Proinfância, centraliza as licitações dos materiais

¹⁰ Site da empresa Fresno: <http://www.playgroundfreso.com.br/quem-somos> . Acesso em 06/01/2014.

¹¹ Os manuais e memoriais citados estão disponíveis para download no site do FNDE: <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia>. Acesso em 06/01/2014.

¹² Transcrito do site do FNDE: <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-metodologias-inovadoras>. Acesso em 06/01/2014.

¹³ Transcrito do site do FNDE: <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-metodologias-inovadoras/vantagens-do-novo-m%C3%A9todo-proinfancia>. Acesso em 06/01/2014.

de construção, equipamentos e mobiliários para as escolas construídas pelo programa, via pregão eletrônico no sistema nacional.

Para justificar tal ação e expor a legalidade de adesão dos municípios à metodologia inovadora, o FNDE esclarece que é a autarquia “responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação – MEC, tendo como missão prestar assistência técnica e financeira aos estados e municípios, como forma de contribuir para a implementação de parcela das ações educacionais desenvolvidas pela União” e recorre à lei que o criou, nº 5.537, de 1968, modificada pela lei nº 12.801, de 2013. O artigo 3º da lei nº 5.537/68 define que é da sua competência, entre outras, “prestar assistência técnica e financeira, conforme disponibilidade de dotações orçamentárias, para aperfeiçoar o processo de aprendizagem na educação básica pública, por intermédio da melhoria da estrutura física ou pedagógica das escolas”. Para tanto, o inciso I do parágrafo 5º afirma que o FNDE disponibilizará “bens, materiais pedagógicos e capacitação aos sistemas de ensino e de gestão dos programas educacionais”. O parágrafo 6º afirma que “para execução da assistência técnica pelo FNDE, a disponibilização de instrumentos administrativos compreenderá: I - a indicação de especificações, padrões, estimativa de preço máximo dos bens e serviços utilizados pelos sistemas educacionais; II - o gerenciamento de registro de preço, na forma da Lei no 8.666, de 21 de junho de 1993, da Lei no 10.520, de 17 de julho de 2002, e da Lei no 12.462, de 4 de agosto de 2011, para uso dos sistemas de ensino, independentemente da origem dos recursos”¹⁴.

Se por um lado a centralização das licitações, por parte do FNDE, no sistema nacional de pregão eletrônico é boa para os municípios, especialmente para os que não têm equipe técnica qualificada para executar um projeto com tantas especificações como é o caso do Proinfância, por outro lado é ainda melhor para os consórcios de grandes empresas, fornecedores listados no site¹⁵.

No caso dos brinquedos de plástico, pelas características de seu material e processo de confecção, eles nunca poderiam ser produzidos a não ser por grandes empresas, o que acaba reforçando um cartel de fornecedores. A partir do momento

¹⁴ Transcrito do documento “O FNDE e sua lei de criação – objetivos”, disponível para download em <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-metodologias-inovadoras/proinfancia-legalidade-participa%C3%A7%C3%A3o-srp-rdc>. Acesso em 06/01/2014.

¹⁵ Site do FNDE: <http://www.fnde.gov.br/programas/proinfancia/proinfancia-metodologias-inovadoras/proinfancia-fornecedores>. Acesso em 06/01/2014.

em que estes brinquedos são, mais que recomendados pelo MEC, modelos para as escolas do Proinfância, o montante de dinheiro público envolvido nesta compra de âmbito nacional é imensa. Ainda assim, é preciso considerar que o dinheiro gasto na compra dos brinquedos de pátio é ínfimo diante do montante gasto pelo FNDE na compra de todos os materiais de construção das escolas.

No que tange à presença dos brinquedos de plástico na escola acolhedora, assim como na escola reluzente [3.1] e na que não deveria ter sido [3.9], ainda que não sejam escolas do Proinfância, não surpreende o fato de terem estes brinquedos em seus pátios. Isto porque a recomendação do MEC se tornou, para os fabricantes e revendedores, uma chancela de qualidade de seus produtos e, para as prefeituras, que os comprem, sinônimo do que é bom para as crianças.

Mas na escola acolhedora, apesar da quantidade de brinquedos de plástico, há também os de ferro e os de madeira, além da casinha de boneca de alvenaria. Juntos e diversos, oferecem boas oportunidades de brincadeiras às crianças. Espaços impregnados de afeto ficam marcados nas memórias. Diz Benjamin:

Tal como a mãe, que aconchega no peito o recém-nascido sem acordá-lo, assim também a vida trata, durante muito tempo, as ternas recordações da infância. Nada fortalecia as minhas mais profundamente que a visão dos pátios, entre cujas *loggias* havia uma que, no verão, recebia a sombra de uma marquesinha e que foi para mim o berço, no qual a cidade pôs o cidadão recém-nascido. As cariátides que sustentavam a *loggia* do piso superior podem ter abandonado seu posto por um momento para cantarem ao lado do berço uma cantiga que, por certo, quase nada continha do que mais tarde me aguardava, embora, por compensação, incluísse a predição de que o ar dos pátios sempre me arrebataria. Creio que um adicional deste ar existia ainda em torno dos vinhedos de Capri, onde estão as imagens e alegorias que dominam meus pensamentos, assim como as cariátides nas *loggias* dominam os pátios do bairro Oeste de Berlim (BENJAMIN, 1995:132).

Tal qual a *loggia* foi o berço do recém-nascido cidadão Benjamin, o pátio da escola acolhedora pode ser recordação de infância das crianças que ali brincam, atentas ao som das folhas das árvores ao vento, ao movimento dos balanços, aos cheiros, às texturas dos brinquedos, ao jogo de luz e sombra no chão nos diferentes meses do ano e aos cantinhos secretos. Assim como para Benjamin (1995) não havia lugar onde a manhã fosse mais ela mesma que nas *loggias*, o pátio da escola acolhedora, que parece estar sempre à espera das crianças, é um espaço no qual a manhã já é há muito manhã quando elas finalmente ali chegam.

3.3. A escola imponente

Era uma vez uma escola imponente. Foi construída para ser escola e parece não se esforçar para mostrar com orgulho as marcas de sua história. Tem até título de nobreza: é tombada pelo INEPAC¹⁶.



3.3.a. Entrada da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.3.b. Fachada ao lado da entrada
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Inaugurada em 1909, no período da primeira república, a escola imponente foi construída em estilo eclético, trazendo as marcas de sua época. Situada numa esquina, ela ocupa uma grande parte de um quarteirão num bairro nobre da cidade. Acima do portão de entrada o nome “Jardim de Infância” evidencia a concepção de educação infantil de Froebel, que sustentava a proposta pedagógica para a primeira infância quando da sua inauguração. As grades em ferro trabalhado e com pilastras de pedra que saem da lateral do portão principal, além das pedras das colunas, demonstram que esta escola foi construída há mais de um século, pois estes são materiais que não são mais usados.

A fachada da escola imponente é ornada com diversos elementos decorativos: o portão e as janelas em arco têm detalhes sobre eles e o brasão do município paira acima do portão principal. No entanto, este portão fechado parece indicar que a entrada das crianças ocorre pelo portão lateral, que fica junto ao pátio de areia e pode ser visto na fotografia 3.3.d.

¹⁶ INEPAC: Instituto Estadual do Patrimônio Cultural.

Um friso com arabescos se estende por toda a fachada da escola. Nas laterais, acima das janelas, se vêem brasões com compassos, esquadros, régua, ampulhetas, livros, globos e tinteiros. O telhado, apoiado por mãos francesas, também denuncia a idade desta escola, bem como as grandes janelas em arco das salas de aula e sua cor. O verde que se vê no portão e nas janelas não é a cor oficialmente usada pela prefeitura. No entanto, parece que houve uma (acertada) opção por manter a cor original desta escola, a despeito da prática recorrente, no troca-troca de governos, de mudar as cores ou detalhes visando imprimir a marca da gestão em exercício nos equipamentos públicos. Manter o verde original foi decisão que poupou a escola de se descaracterizar e, de certa forma, de perder sua dignidade. Permitiu que ela permanecesse no presente como testemunha da história do município, cumprindo seu papel através do tempo.



3.3.c. Vista lateral com brinquedos, edificação ao fundo e, no canto direito, um pedaço do portão.
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.3.d. Brinquedos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.3.e. Brinquedos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Junto ao portão lateral de entrada há um pátio de tamanho razoável, cercado com grades baixas. A surpresa é o chão desse pátio ser de areia: uma raridade nas escolas de hoje. Areia, quando há, costuma ser em um pequeno tanque. Na escola imponente, o chão é de areia.

Neste pátio há diversos brinquedos, como gangorras, escorregas, balanço de pneu, trepa-trepas (armações para subir) e um brinquedo de girar. São todos coloridos, em fortes cores primárias e feitos em ferro ou madeira.

Os brinquedos, por seu estilo, parecem não ser novos, mas encontram-se bem cuidados. A pintura é forte e não se veem descascados. O que se vê gasto é a pintura do escorrega (ao fundo, na foto abaixo): marca do brincar das crianças.



3.3.f.Brinquedos

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

O chão tem muitas folhas secas: resquícios das generosas sombras das árvores. Os troncos das árvores, com sua robustez, mostram que elas também estão ali há décadas, oferecendo não somente sombras, mas um lindo efeito visual no chão.

A escola imponente, a mais antiga desta coleção, tem características atuais que, inclusive, às vezes não estão presentes nas escolas construídas mais recentemente. Ainda que numa construção de mais de um século, o pátio da escola imponente possibilita às crianças conviver com elementos naturais como árvores e areia, além da madeira e do ferro dos brinquedos, numa diversidade de elementos e texturas que oferece às crianças diferentes sensações.



3.3.g. Quadra e rampa de acesso às salas.
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.3.h. Rampa de acesso e corredor c/ murais.
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Logo em frente ao portão lateral, o espaço que leva à rampa de acesso foi definido como quadra esportiva e encontra-se bem cuidado, com a pintura em dia. A quadra esportiva na entrada pode ser percebida como um convite às crianças para brincarem e jogarem. A rampa, em curva, parece dar boas vindas aos que chegam à escola, numa acolhida suave ao interior do prédio, que é uma construção elevada. Haverá um porão na escola? Ao lado da rampa, os mastros se erguem em direção ao céu.

Na lateral direita da quadra esportiva os bancos de madeira coloridos convidam à convivência, ao encontro, à apreciação. Intercalados a eles estão três grandes lixeiras em forma de bonecos. Estas são da companhia de limpeza urbana municipal e cada uma se destina ao recolhimento de um tipo de material reciclável.

Subindo a rampa há um corredor na lateral do prédio da escola, e nas paredes estão murais. As fotografias permitem ver as produções das crianças, as marcas daquelas que dão vida à escola, com sua autenticidade expressa na singularidade das pinturas, cada uma diferente das demais.



3.3.i. Na lateral, mesas e bancos.
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Entre a edificação da escola e a grade, na lateral, o espaço foi preenchido com três jogos de mesas e banquetas coloridas que, apesar da pintura descascada, caracterizam aquela nesga de pátio como local de encontro. As mesas e banquetas tornam o espaço acolhedor e, tal qual os bancos na quadra, convidam as crianças à troca e à convivência. As muitas e frondosas árvores, no terreno da própria escola ou na rua oferecem sombras agradáveis.

De forma geral, chama atenção na escola imponente o seu vivo colorido, apesar da sisudez das paredes brancas e das janelas e portas verde escuro. Parece haver um esforço no sentido de que este seja um espaço agradável e atrativo às crianças. Parece haver uma intenção de que aquele espaço seja delas.



3.3.j. Canteiros e vasos de plantas.
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.3.k. Tanques
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Em outra parte, veem-se canteiros e alguns vasos de plantas. A natureza que precisa de cuidados, neste caso, parece ser tratada com certo descaso, dadas as plantas que parecem sobreviver. Entretanto, marcam presença. Há também dois tanques de água, um maior e outro baixo, adequado à altura das crianças. Novamente a possibilidade das crianças terem acesso à natureza, desta vez à água.



3.3.1. Bebedouro

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Na foto acima se vê um bebedouro duplo, com uma saída alta e uma baixa. Chama atenção o cinto de metal que o prende, um indício de tentar proteger o patrimônio da escola contra a violência.

A escola imponente se mantém através das décadas. Digna, bem cuidada, preservada. Fazendo jus à sua importância enquanto testemunha da história da educação no município e no país. Uma bela senhora que cuida de si e não perde a pose.

No verso...

O município 3 tem população de 6.320.446 habitantes em 1.200.278 km², ou seja, uma alta densidade demográfica¹⁷. Fundado no século XVI, teve e continua tendo fundamental importância política e econômica, desde sua fundação

¹⁷ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br.

até os dias de hoje. Em relação à Educação, tem a maior rede pública escolar da América Latina. No entanto, do total de 298.445 crianças de 0 a 3 anos, apenas 69.195 estão matriculadas em creches, configurando um índice médio/baixo de atendimento, com taxa de cobertura de 23,2% (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b).

A Educação Infantil neste município está organizada em 246 creches municipais e 175 conveniadas, 44 pré-escolas municipais, 45 creches e pré-escolas municipais e 616 escolas de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil. Há um setor específico composto por 12 profissionais para o acompanhamento desta etapa, mas não há um padrão de frequência no acompanhamento, de modo que as instituições são visitadas de acordo com a necessidade. Será mesmo? A partir de 2011 o ingresso para ser professor de Educação Infantil deste município passou a acontecer por meio de concurso específico. Em relação à formação, lá há projeto específico tanto para os professores quanto para auxiliares. A formação é planejada pela secretaria de educação e realizada por também por instituições parceiras¹⁸.

Neste município, passado e presente coexistem. Lá, “mediante o que se tornou, pode-se recordar com saudades daquilo que foi” (CALVINO, 1990:30). O pesquisador, ao escavar o passado, não deve apenas se contentar em inventariar os achados, mas deve ocupar-se de “assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho” (BENJAMIN, 1995:239). Pois bem. A escola imponente, presença do passado hoje, faz parte de uma época na qual as construções escolares eram rígidas, fechadas, voltadas para seus interiores e de expressão imponente, em estilo eclético ou neoclássico (RODRIGUES, 2003).

Inaugurada em 1909, apenas vinte anos após a proclamação da república do Brasil, a escola imponente parece ser a materialização do instrumento que levaria a cabo os ideais positivistas de “Ordem e Progresso” estampados na bandeira: a Educação como conjunto de atividades socializadoras que iriam ensinar o ser humano a viver em sociedade, ensinando às gerações mais novas os seus valores. As escolas eram construídas como monumentos, como templos do saber.

encarnavam, simultaneamente, todo um conjunto de saberes, de projetos político-educativos, e punham em circulação o modelo

¹⁸ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

definitivo da educação do século XIX: o das escolas seriadas. Apresentados como prática e representação que permitiam aos republicanos romper com o passado imperial, os grupos escolares projetavam para o futuro, projetavam um futuro, em que na República, o povo, reconciliado com a nação, plasmava uma pátria ordeira e progressista (FARIA FILHO e VIDAL, 2000:25).

A escola ocupava um lugar social único, legítimo. Era a instituição pela qual o Estado manteria viva a consciência coletiva, ou seja, o que unia as pessoas em sociedade, numa perspectiva universalista e adequada ao projeto republicano: uma “escola das certezas”, uma fábrica de cidadãos do futuro (CANÁRIO, 2006). Pensava-se que seria capaz de transmitir valores de forma igual para todos, ainda que naquele momento a educação não fosse nem direito e nem para todos os brasileiros, e assim permaneceria até quase o fim do século. Apesar disso, esse lugar social sustentava o caráter monumental das escolas públicas, que deviam ser facilmente percebidas e identificadas como espaços mantidos pelo governo republicano (FARIA FILHO e VIDAL, 2000). Assim, mastros, bandeiras e brasões eram a presença do Estado e da pátria (FRAGO e ESCOLANO, 2001).

Pé direito alto, janelões e elementos decorativos também são sinais materiais e simbólicos de uma cultura escolar. Marcos de uma época na qual a funcionalidade não era a prioridade da estética.

o convívio com a arquitetura monumental, os amplos corredores, a altura do pé-direito, as dimensões grandiosas de janelas e portas, a racionalização e a higienização dos espaços e o destaque do prédio escolar com relação à cidade que o cercava visavam incutir nos alunos o apreço à educação racional e científica, valorizando uma simbologia estética, cultural e ideológica constituída pelas luzes da República (FARIA FILHO e VIDAL, 2000:25).

O estilo eclético da escola imponente remete, como o próprio nome diz, à mistura de diversos estilos arquitetônicos. Tal estilo foi muito forte na Escola de Belas-Artes de Paris, a capital do século XIX, como foi chamada por Benjamin (BOLLE, 1994). O centro cultural e artístico do mundo no século XIX irradiou sua influência até mesmo à América do Sul. E o município 3 não podia ficar para trás: no mesmo ano em que inaugurou a escola imponente, inaugurou também seu esplêndido teatro em estilo eclético, ornamentado e majestoso.

A escola imponente atravessa as décadas, é passado que permanece no presente. Compreender a história como tempo repleto de “agoras” (BENJAMIN, 1994:229) revela o tanto que a escola imponente testemunhou de 1909 a 2014. Perdurando por mais de um século, esta escola incita hoje à rememoração de concepções de infância e de educação, políticas, projetos político pedagógicos, práticas pedagógicas, crianças, professores e famílias. Sua presença proporciona o encontro secreto “marcado entre as gerações precedentes e a nossa” (BENJAMIN, 1994:223).

3.4. A escola que quer ser futuro

No mesmo município da escola imponente há uma escola que quer ser futuro. As escolas de Educação Infantil lá construídas desde 2009 seguem este modelo, exaltado pela secretaria de educação como um novo conceito para a primeira infância.

A escola que quer ser futuro, inaugurada em fevereiro de 2012, é cercada por grades e fica espremida entre uma unidade de saúde e uma escola de Ensino Fundamental, cujo modelo também foi, a seu tempo, promessa de futuro da educação no estado.



3.4.a. Escola que quer ser futuro
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.4.b.Lateral direita da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.4.c.Lateral esquerda da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

O pátio da escola passa um ar de desolação. É pequeno, com a maior parte da área gramada e o restante do piso em cimento. Há apenas duas árvores, uma em cada canto, de onde caem as folhas secas que se veem pelo chão. O sol castiga a grama, que teima em se manter verde aqui e acolá.

Não há brinquedos no pátio da escola que quer ser futuro, apenas alguns elementos de concreto. São cinco placas, em cores diversas, com aberturas em formas geométricas. A placa amarela remete a um rosto triste. Junto a elas há uma referência a casinha de boneca, que são duas placas paralelas com telhado, tudo lilás. À esquerda do pátio se vê um círculo pintado no chão, com um quadrante de cada cor e tocos de concreto.



3.4.d.Elementos do pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.4.e.Elementos do pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.4.f.Elementos do pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

É difícil compreender o sentido destes elementos no pátio. Não são brinquedos e pouco convidam à brincadeira. As placas de concreto não formam um labirinto, a casinha não é bem uma casinha e não se sabe a função do círculo com tocos. Não há, nesta escola, brinquedos tradicionais, como gangorra, escorrega, balanço, carrossel, túnel... Depois da madeira, do ferro e do plástico, será o concreto o futuro dos brinquedos de pátio? Num bairro quente como o da escola que quer ser futuro, a falta de sombras e de brinquedos no pátio pode ser entendida como pedido de não permanência. O pátio é, então, apenas passagem para o prédio?

Assim é a área externa da escola que quer ser futuro: pequena, pobre em componentes e que, à primeira vista, se dá toda a ver. A placa de concreto amarela, com sua boca reta, exprime o desapontamento despertado pelo pátio da escola que quer ser futuro, mas não consegue.

No verso...

A escola que quer ser futuro também fica no município 3. Junto com a escola imponente, optou-se por trazê-las para a coleção da tese em função da extensão e do tempo de existência da rede escolar deste município.

A escola que quer ser futuro foi construída de acordo com um modelo, como em tempos passados outras escolas também foram. A escola vizinha a esta, que aparece à direita na fotografia 3.4.a foi, na década de 1980, anunciada como

tal. Mas o que a escola que quer ser futuro alardeia como novidade nada mais é que o cumprimento atrasado de alguns aspectos da lei.

Esta escola é apresentada como um novo conceito para a primeira infância por reunir creche e pré-escola no mesmo espaço, quando a opção pelo nome Educação Infantil na LDB (BRASIL, 1996) já induzia a esta não cisão, inclusive nos espaços físicos das instituições escolares. A escola se envaidece de ter professores de Educação Infantil nas suas turmas, mas isto só ocorreu a partir de 2011, mesmo estando previsto pela LDB desde 1996 (BRASIL, 1996). Ou seja, o município 3 abafa o fato de que descumpriu a legislação até 2011, quando realizou um concurso específico para professores de Educação Infantil e lotou-os nas turmas, exibindo isto como inovação.

Na concepção em que foi criada esta escola pretende contribuir para o progresso, essa tempestade que, segundo Benjamin (1994), impele para o futuro o anjo da história, o *Angelus Novus* do quadro de Paul Klee. A concepção de história como uma sucessão de acontecimentos é coerente com a fé obtusa no progresso, por parte dos políticos, assim como sua confiança no apoio das massas e sua subordinação servil a um aparelho incontrolável (BENJAMIN, 1994). A fé no progresso é, nessa perspectiva, a ilusão de um futuro melhor. Assim é também o projeto da escola que quer ser futuro: sua concepção de Educação Infantil parece estar mais focada em preparar as crianças para o Ensino Fundamental que atenta às especificidades desta etapa. O progresso, que se apoia no desenvolvimento técnico, não abre mão da utilidade e, no caso das escolas, parece investir no espaço interno em detrimento do externo. O pátio da escola que quer ser futuro evidencia a opção por pouco investimento e atenção ao espaço externo: não tem brinquedos, mas elementos feitos de concreto e tinta, que são materiais usados na própria construção da escola.

A tempestade do progresso empurra o município 3, desde 2009, a inaugurar escolas sucessivamente, perseguindo o plano robusto, como assim define a prefeitura, de abrir vagas para a Educação Infantil. Porém, a velocidade com que escolas como esta são abertas parece estar mais a serviço das estatísticas municipais que das crianças. Pois, a cada escola inaugurada o número de matrículas contabilizadas pelo município 3 aumenta. Consequentemente, a verba recebida via FUNDEB também.

As fotografias da escola que quer ser futuro fazem ecoar as palavras de Lima (2005:144): “Nada é abstrato, neutro ou indiferente no ato de produção da arquitetura dos equipamentos coletivos. Nele, o traço nunca é um risco: é um material, é uma dimensão, é um custo, é uma resposta a demandas que são concretas num tempo histórico”. Que fique explícito à gestão do município 3, porém, que a cada matrícula corresponde uma criança, que tem direito não a uma vaga, mas a uma Educação Infantil de qualidade, com espaço adequado às especificidades e necessidades desta etapa. Isto significa, em última instância, estar numa escola onde possa, antes de ser aluno, ser criança – e brincar.

3.5. A escola desconhecida

No município 4 há uma escola desconhecida. Desconhecida de si própria. A escola tem um espaço privilegiado e potencial para ser ainda mais interessante, mas parece não se enxergar como tal.



3.5.a.Entrada

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A escola fica numa praça, em terreno pouco elevado. A frente é delimitada por grades, e do portão de entrada sobe uma rampa que dá no pátio frontal. Apesar da pintura em dia a escola, como a praça, parece estar lá sem receber atenção do governo. Está lá, vai levando seu dia a dia, cumprindo como pode seus deveres.



3.5.b.Pátio frontal

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A parte da frente do pátio é cimentada, com árvores grandes cercadas por canteiros. Há também algumas mudas em vasos, que parecem estar aguardando para serem plantadas.



3.5.c.Pátio lateral

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No lado esquerdo da escola o pátio é amplo e há um brinquedo em madeira com escada, escorrega, platô coberto, balanço e argolas. Nesta parte o chão é de terra e se veem folhas secas espalhadas. Há outras árvores, de troncos largos e grandes copas, que oferecem sombras agradáveis.

Na foto acima, à esquerda se vê a edificação, que foi construída para ser escola. Está pintada em azul claro e azul escuro, cores deste município e também do município 5, da escola desencantada. Aliás, a escola é toda pintada de azul claro e azul escuro. A escola desconhecida tem as janelas fechadas por grades e as

salas de aula têm portas que dão para o lado externo da escola, para um pequeno solário.

O solário é pequeno e o meio muro que o delimita, apesar de baixo para os adultos é alto para as crianças, de modo que quando estão lá elas não enxergam o pátio. Além disso, não há atrativos para as crianças, que só veem cimento e um retalho do céu.



3.5.d.Parquinho

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Na escola desconhecida há um único brinquedo no pátio, apesar deste não ser seu único atrativo. No entanto, não é de se espantar que esta seja a parte do pátio mais desejada pelas crianças. Este brinquedo em madeira colorida com telhas de amianto foi bastante comum em pátios escolares e em condomínios residenciais nas décadas de 90 e 2000, como hoje são os brinquedos de plástico vistos nas escolas reluzente e na que não deveria ter sido.



3.5.e.Pátio atrás da escola, com quadra de esportes e espaço coberto

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Na parte de trás do pátio, surpresa! Amplidão, grama, árvores, arbustos, sombra, bancos, quadras, recantos. Possibilidades de correr, experimentar, brincar, rodar, dançar, curiosar, aprender! E também de tudo mais (ou quase tudo!) que se faz dentro de sala.

Há dois bancos de cimento pintados de azul, ao lado da quadra com duas traves de futebol. O chão da quadra, de cimento, está rachado e as traves não têm redes. Ao lado da quadra há ainda um espaço coberto, como uma quadra menor. A despeito de haver apenas um brinquedo, a escola desconhecida oferece às crianças, além de um espaço amplo e do contato com uma variedade de elementos naturais e sintéticos, também cantinhos para encontros e trocas. Apesar dessas características, não se encontra no pátio traços da presença das crianças. Irônica e tristemente, a escola desconhecida é rica e não sabe. Rica pela amplitude de seu espaço e pelas possibilidades que oferece às crianças lá matriculadas e aos professores que lá trabalham. Rica pela potência de ser um espaço ainda mais atraente às crianças, que pode se tornar lugar de conhecer sobre si, sobre o outro e sobre o mundo.

No verso...

O município 4 tem 35.216 km² e 458.673 habitantes. É uma localidade onde, no passado, havia muitas fazendas. Os dois rios da região foram importantes vias de transporte da produção de milho, mandioca, feijão e açúcar, que eram levados à capital para serem consumidos e aos portos para serem exportados para a Europa. Com a crescente dificuldade de encontrar mão-de-obra disponível as grandes fazendas foram sendo divididas em propriedades menores, de modo que a produção de frutas, verduras e legumes na região foi se diversificando¹⁹.

O município 4 tem um baixo índice de atendimento à Educação Infantil, de 3,5%. Ou seja, das 27.590 crianças de 0 a 3 anos, apenas 978 estão matriculadas (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). Lá, a Educação Infantil está organizada em uma creche municipal, 5 pré-escolas municipais, 8 creches e pré-escolas municipais e 1 creche e pré-escola conveniada, além de 7 escolas de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil.

¹⁹ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br.

Há uma equipe específica, composta por 4 pessoas, para acompanhamento semanal das instituições municipais de Educação Infantil. Também há um projeto de formação específica para professores e auxiliares da rede pública. Nem o acompanhamento, nem a formação, contemplam os professores e auxiliares da instituição conveniada.

O ingresso de professores no município 4 acontece por meio de concurso não específico, mas a rede conta também com profissionais celetistas, frequentemente contratados de forma precária. Em 2009 o plano de carreira ainda estava em elaboração.

Neste município os diretores de creches e pré-escolas são indicados politicamente e têm mandato de tempo indeterminado. Para ocuparem esse cargo, devem ser funcionários da rede, formados em pedagogia e com habilitação em gestão escolar²⁰. Ainda que os requisitos para ocupar o cargo de diretor exijam nível superior, a indicação ao cargo (ao invés da eleição pela comunidade escolar) é prática comum, que persiste a despeito do princípio da gestão democrática explicitado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

O que chama atenção na escola desconhecida é que o pátio, apesar do pouco investimento, é um espaço atraente às crianças e tem potencial para ser lugar de descobertas e aprendizado não apenas no recreio, mas também em atividades planejadas e propostas pelas professoras. O conhecimento não se constrói apenas na sala de aula, nem apenas na mente. O conhecimento se constrói com o corpo todo e nesse processo as sensações são fundamentais. A escola é desconhecida porque não conhece a si, porque não sabe do seu potencial. Ela faz reconhecer que, se o espaço é fundamental à pedagogia, a formação dos profissionais também é. Pois, da mesma forma que um espaço rico em possibilidades perde com profissionais que não o veem como tal, um espaço com possibilidades reduzidas cresce com profissionais que sabem potencializá-lo, que estão conscientes do trabalho que desenvolvem.

Uma formação que assegure o conhecimento de que estar no pátio é direito as crianças; que se aprende com mente, corpo e afeto; que exigir a imobilização do corpo dificulta a aprendizagem ao invés de contribuir; que para a necessária mudança nas relações entre seres humanos e natureza é preciso ter proximidade e

²⁰ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

sentimento de pertencimento; que a ação pedagógica se dá no mundo e não confinada entre quatro paredes: essa é a formação que pode se beneficiar de um pátio privilegiado como este. Essa é a formação que pode beneficiar as crianças com uma Educação Infantil de qualidade. O caminho passa pela práxis, processo permanente no qual a teoria se modifica com a prática e esta, por sua vez, se modifica com a teoria. O conceito de práxis era, segundo Konder (2009), o norte da compreensão de Benjamin sobre marxismo.

o conceito de práxis abre caminho para que seja repensada a relação teoria/prática. A prática “pede” teoria, precisa de teoria, porém nada assegura que ela vai receber sempre uma teoria que corresponde plenamente à sua demanda. E a teoria só pode corresponder plenamente a essa demanda se se integrar à prática que a solicitou, participando dela. A práxis é a atividade na qual a teoria se integra à prática, “mordendo-a” e a prática “educa” e “reeduca” a teoria (KONDER, 2009:88).

A práxis implica numa relação dialética entre teoria e prática, na qual ambas se modificam mutuamente, de modo que a teoria não se cristalice em dogma, nem a prática em alienação. Se a prática esvaziada de teoria é errante, a teoria sem prática roda em seu eixo. Em relação à formação de professores, quando eventual – tanto no sentido de acontecer em eventos, como seminários e palestras, como no sentido de acontecer com intervalos muitos distantes – não favorece a articulação dialética entre teoria e prática. Muitas palestras em sequencia não significam uma boa formação, assim como estudos esporádicos também não. Uma formação de professores que contemple a supervisão da prática pedagógica é um caminho para a práxis.

3.6. A escola desencantada

No município 5 há uma escola que parece desencantar as crianças. À primeira vista a impressão é de um espaço que procura ser simpático, mas não consegue cativar: desenhos infantis pintados na parede, dois pequenos canteiros com flores de plástico e as cores suaves no brinquedo do pátio parecem tentar tornar a escola atraente para seus pequenos frequentadores, mas sem sucesso.



3.6.a. Pátio frontal com brinquedo ao fundo
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

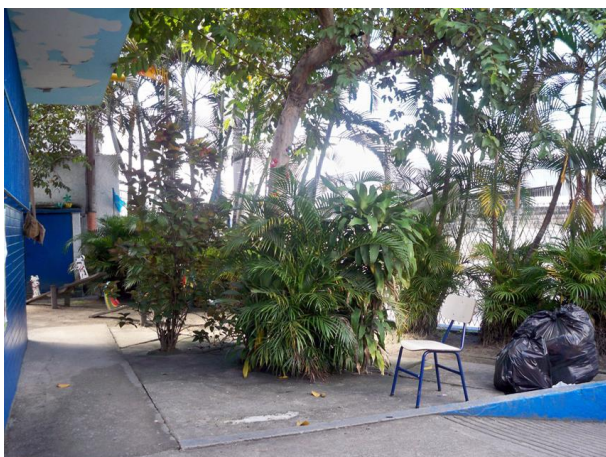
Um dos elementos que não contribuem são as janelas, altas e com grades, que não permitem às crianças ver através delas. As janelas ficam bem à frente de quem entra na escola pelo portão com rampa. Qual será a impressão das crianças ao chegar e ver, logo na entrada, estas janelas? Qual será a sensação de estar nas salas e não conseguir ver o lado de fora? A escola parece mais ameaçar do que convidar à permanência nela. Embaixo das janelas há dois pequenos canteiros com flores artificiais coloridas. Por que flores artificiais e não naturais? Qual o sentido de certas escolhas? Na parede, uma pintura com pássaros, borboletas, uma caixa com brinquedos, um cachorro dormindo, um menino soltando pipa e outros dois jogando bola, uma menina, pedras, flores e montanhas ao fundo. No alto, um avião puxando uma faixa com o nome da escola.

A escola desencantada é toda azul: azul claro e azul escuro. Como na escola que não deveria ter sido, nesta também as cores demarcam o espaço público. O chão nesta parte do pátio é de terra com traços de grama, o que leva a perguntar se algum dia houve grama ali. Nas laterais do pátio há diversas árvores e arbustos que, dependendo da hora do dia, podem oferecer sombra. Em um canto do pátio há um brinquedo grande de madeira com escada de um lado, platô coberto e escorrega do outro lado. Oferece diversas possibilidades de brincadeira, e está pintado em cores pastéis.



3.6.b.Pátio frontal à direita
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A frente da escola é demarcada por uma grade de losangos, também pintada de azul. Junto a ela estão dois bancos de cimento da mesma cor.



3.6.c.Pátio frontal à esquerda
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No canto esquerdo do pátio frontal há diversas árvores e arbustos. Vê-se uma cadeira e, bem à esquerda da foto, uma bolsa pendurada na parede. Prováveis rastros da presença de algum funcionário da escola. Atrás da cadeira há um saco de lixo. Apesar da pintura em bom estado da edificação, na marquise ela está descascada. No fundo, duas gangorras.



3.6.d. Gangorras no canto esquerdo do pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

As gangorras são simples, de madeira, e uma tem figuras de papagaios e outra de cachorros. A madeira é um material que se deixa marcar pela ação do tempo e do uso: vê-se que está manchado e amassado. Atrás das gangorras uma estrutura de alvenaria com a porta azul, no que parece ser a caixa de força. Em cima dela, quatro vasilhinhos feitos com garrafa pet pintada, sendo um deles com uma flor de plástico.

O chão de cimento está desgastado e se vê musgo atrás da gangorra.



3.6.e. Casinha no pátio atrás da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Na parte de trás do pátio há uma casinha de boneca. Por fora azul escuro, por dentro branca e de chão azul claro. A casinha é de alvenaria com telha de amianto, como a escola. A parede interna está decorada com golfinhos e a externa, com três tucanos. Do lado de fora da casinha há quatro canteiros sem plantas,

apenas com alguns matinhos, e o da direita tem um enfeite de papagaio. Nos dois canteiros mais claros, o que está junto à porta da casinha e o que está na lateral, virado para baixo, vêm-se vestígios da presença das crianças: o primeiro está pintado e o segundo exibe impressões de mãos.

Há uma vassoura encostada na parede da edificação, que parece ter sido esquecida. O chão é de cimento e irregular, gasto e com restos de tinta azul mas, à esquerda, a parte da edificação que se vê parece estar com a pintura em dia. Bem no canto direito da foto se vê um muro baixo, quebrado, com os buracos dos tijolos à mostra. Atrás da casinha um pequeno barranco de terra escavada e o muro azul claro que delimita o terreno da escola. O poste serve de esteio de varal, no qual há uma toalha pendurada.



3.6.f. Pátio atrás da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

O varal continua, maior e com muitas toalhas de crianças penduradas. O chão ainda é de cimento, com rachaduras. No meio dessa parte do pátio se vê uma caixa de concreto. Até ela foi pintada de azul. Caixa de gordura? De esgoto? Cisterna? Ao fundo, a árvore cresceu e suas raízes levantam o chão. No muro, infiltrações e rachaduras. No chão, junto ao muro, saquinhos com mudas de plantas esperam sua vez. Serão plantados?

No canto direito há um chuveiro e, no lado esquerdo, uma cadeira e mesa onde está um casaco pendurado. Há também um balde. Terá sido esquecido como a vassoura?

Nesta parte da edificação as janelas também são altas e com grades, acima da visão das crianças.

Na escola desencantada, os únicos rastros das crianças são as pinturas e mãos nos canteiros ao lado da casinha. Há também as toalhas penduradas, mas estas, apesar de serem vestígios da presença das crianças, foram deixados pelos adultos. Na escola desencantada, é mais fácil ver vestígios dos adultos que ali circulam do que das próprias crianças.

No verso...

O município 5 tem 467,619 km² de extensão e população de 855.048 habitantes. Os primeiros habitantes da região, que se fixaram nas proximidades dos rios, remontam à segunda metade do século XVI, bem no início do período colonial. Mas o povoamento foi se estendendo também das orlas das praias às encostas das serras. Com o passar dos séculos o território onde hoje está delimitado o município 5 foi se tornando local de cultivo de alimentos²¹.

A escola desencantada é uma das mais antigas do município 5, tendo sido inaugurada no final de 1988. Foi uma iniciativa da comunidade, que solicitou à prefeitura a construção do prédio. A creche foi assumida pela associação de moradores do bairro e em 1989, pela secretaria de desenvolvimento social (BARBOSA, 2013).

Como pode uma escola ser um espaço tão pouco atrativo? Ela foi construída com este fim mas por que, apesar disso, é um espaço pobre, pouco interessante? Será que na construção da escola as crianças e seus interesses foram considerados? Será que houve preocupação em construir um espaço acolhedor e agradável àquelas que diariamente estariam lá? As perguntas têm duas possíveis respostas: sim e não. Ambas tristes. Pois, se as respostas forem negativas, são indicativas de uma política que não leva em consideração as crianças. Ou seja, constrói-se um espaço para as crianças sem pensar nelas. Mas se as respostas forem positivas, são indicativas do desconhecimento daquilo que é atraente e agradável às crianças, daquilo que lhes inspira alegria, curiosidade, encantamento.

No fragmento “Canteiro de obra”, Benjamin afirma que “elucubrar pedantemente sobre a fabricação de objetos – material educativo, brinquedos ou livros – que fossem apropriados para crianças é tolice”, e que “a Terra está repleta

²¹ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br

dos mais incomparáveis objetos de atenção e exercício infantis” (BENJAMIN, 1995:18).

O autor se refere a brinquedos, livros e materiais educativos, mas a tese ousa estender essa reflexão também aos espaços educativos. O que interessa às crianças é mais o mundo cotidiano do que aquilo, objeto ou espaço, que foi construído especificamente para elas a partir da ótica dos adultos, daquilo que acreditam ser interessante para elas. Frequentemente, ainda, desconsidera-se o espaço como um fator que importa às crianças e que faz diferença na dimensão pedagógica. Seja por meio de escolas em casas alugadas, compradas e não adaptadas ou mesmo em escolas construídas para as crianças, mas sem as considerar, o fato é que estes espaços estão alijados da especificidade da Educação Infantil. Por que, se a Educação Infantil é uma etapa que tem por função ampliar os conhecimentos das crianças sobre si e sobre o mundo, se oferece a elas espaços engessados pelo que os adultos pensam ser alvo do interesse das crianças, mas que são, na verdade, espaços que não instigam, que não despertam a curiosidade de conhecer o mundo?

As crianças se interessam pelos resíduos das coisas:

Sentem-se irresistivelmente atraídas pelo resíduo que surge na construção, no trabalho de jardinagem ou doméstico, na costura ou na marcenaria. Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente (BENJAMIN, 1995:18).

Nesse processo, as crianças vão construindo o seu próprio mundo de coisas. O segredo de criar um espaço para as crianças está, então, em considerar este pequeno mundo, o que entra nele e o que não entra, seguindo suas normas de funcionamento no rastro delas próprias.

Crianças... Resíduos... O rosto que o mundo volta para elas... Estes três elementos suscitam uma pergunta: serão as crianças da Educação Infantil, apesar da luta de tantos anos, apesar das conquistas mais recentes, ainda o resíduo da política de Educação? Números e dados falam por si.

No município 5 o índice de atendimento à Educação Infantil é baixo, com 4,9% de taxa de cobertura. Isso significa apenas 2.702 matrículas de uma população de 55.471 crianças de 0 a 3 anos (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). São 2 creches e 29 creches e pré-escolas municipais. As demais turmas de Educação Infantil estão inseridas em 94 escolas municipais de Ensino

Fundamental. Mas mais grave do que os números é o desconhecimento da própria realidade. No município 5 há creches conveniadas, sendo inclusive uma das modalidades de conveniamento a cessão de professores. Mas as instituições conveniadas não constam na descrição das unidades da rede, mesmo havendo campo específico para elas. Contraditoriamente, no que diz respeito à formação, os responsáveis pelas informações²² afirmam haver projeto específico para os profissionais de Educação Infantil, incluindo professores e auxiliares da rede pública, equipe pedagógica, estudantes de Ensino Médio modalidade Normal e ainda professores e auxiliares da rede conveniada. Mas como? Estes profissionais aparecem como participantes da formação mas suas instituições não aparecem nas estatísticas de secretaria?

A secretaria de educação informa que há uma equipe de acompanhamento específico das instituições de Educação Infantil, que conta com 12 pessoas e realiza acompanhamento mensal. Será que esse acompanhamento inclui as instituições conveniadas?

O plano de carreira existe, mas a secretaria não sabe informar como os diferentes profissionais da Educação Infantil estão enquadrados nele. Por fim, o próprio informante da secretaria não se identificou! Nem nome, nem cargo, nem setor, nem endereço.

Situação grave. Escondendo a si mesmo, o informante parece se envergonhar ou se eximir da responsabilidade de responder pelo município onde trabalha. Desconhecimento de sua rede e de sua realidade. Como saber aonde se quer ir sem saber onde se está? Errando pelos caminhos da política, o município 5 tem dificuldades em planejar e, conseqüentemente, em efetivar uma política de Educação Infantil.

3.7. A escola equilibrista

No município 6 existe uma escola equilibrista. Destemida, ela cumpre sua função como quem caminha na corda bamba, se equilibrando para fazer o possível cada vez melhor.

²² Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

A escola equilibrista foi inaugurada em 2003, como parte das ações do Programa Nova Baixada. Outra escola foi inaugurada junto, no mesmo bairro. Ainda que a comunidade desejasse homenagear duas pessoas importantes àquele contexto, dando seus nomes às novas escolas, o governo do município 6 deixou que somente uma das escolas decidisse seu nome. A escola equilibrista foi, então, designada pelo governo para receber o nome do pai do vice-prefeito da época, recém-falecido. Ainda hoje há uma fotografia deste senhor pendurada na entrada da escola.

Ela fica numa esquina, sendo a frente e a lateral esquerda cercadas por grades e os fundos e a lateral direita, por muros.



3.7.a.Pátio frontal da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A escola é térrea, com uma larga porta de entrada e tijolos de vidro que favorecem a iluminação natural. É pintada de branco, com meio muro azul e faixas em dois tons de laranja. O pátio frontal é amplo, com parte do piso em concreto e outra em grama. Há árvores e arbustos, dois bancos de concreto e três mastros para as bandeiras oficiais, dos quais se vê, à direita da foto acima, o primeiro. Presas no galho da árvore à esquerda da foto estão duas bandeirinhas de festa junina.



3.7.b.Pátio frontal, canto direito
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No lado direito do pátio há dois bancos de cimento sob a copa de uma grande árvore. Ao fundo, uma estrutura em madeira que lembra uma barraquinha de festa junina. Já no lado esquerdo, árvores e arbustos plantados na grama, já bem crescida.

Segundo o projeto da escola os brinquedos deveriam ficar neste pátio e o pátio interno deveria ter uma horta. Porém, na escola que foi inaugurada junto com a escola equilibrista, os brinquedos foram estragados por pessoas que invadiam a escola à noite e nos fins de semana. Por isso, a escola equilibrista optou por colocar os brinquedos no pátio interno, que se verá mais adiante, e suspendeu o projeto da horta.



3.7.c.Pátio frontal, canto esquerdo
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Em uma das laterais há uma nesga de pátio, pequeno espaço entre as grades e a parede da edificação. Em certo ponto o espaço é mais estreito devido ao pátio adjacente a uma das salas.



3.7.d.Pátio lateral esquerdo com parede do pátio adjacente à sala
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.e.Pátio lateral esquerdo da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Este pátio adjacente, visto por dentro, tem tamanho razoável e é compartilhado por duas salas. O piso é de cimento e as paredes são altas e com blocos vazados. Além disso, veem-se as janelas de uma das salas, do tipo basculante, e um carrinho rosa.



3.7.f.Vista interna do pátio adjacente à sala
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.g.Vista interna do pátio adjacente à sala
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Do outro lado da escola o espaço entre a edificação e o muro é estreito, um longo corredor. O muro separa a escola de uma vala de esgoto a céu aberto, cujo cheiro desagradável vem em lufadas.



3.7.h. Corredor na lateral direita da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No pátio de trás, surpresa: uma cisterna. A escola equilibrista foi inaugurada sem ligação com a rede pública de água e, por mais de dez anos, foi abastecida por carros-pipa. Após anos de solicitação, a própria comunidade, cansada de esperar, fez a ligação clandestina da escola com a rede de água. Apesar da solicitação da secretaria de educação, a companhia de água ainda não regularizou a situação. Como a cisterna continua sobre o solo, o pátio de trás da escola, por medida de segurança, é vedado às crianças.



3.7.i. Cisterna no pátio dos fundos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

No canto esquerdo do pátio de trás se vê a caixa de força e no meio, uma árvore com canteiro. Já à direita, uma lata de lixo, uma bicicleta encostada e o gramado.



3.7.j.Caixa de força no canto esquerdo do pátio dos fundos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.k.Árvore no pátio dos fundos
Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.l.Vista à direita, pátio dos fundos
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

O pátio interno da escola equilibrista é descoberto, tem tamanho médio e fica no centro da edificação, para onde dão as salas. É cercado com meio muro e tem quatro acessos, um em cada lado. Pilastras redondas pintadas de laranja sustentam o telhado dos corredores. O projeto inicial previa uma horta neste pátio, mas a direção da escola decidiu instalar aí os brinquedos, que assim ficam protegidos de atos de violência. No centro do pátio há brinquedos como gangorra, carrossel, escorrega, trepa-trepa e balanço. Todos os brinquedos são em ferro e pintados de azul e branco. Veem-se também três cadeiras azuis, quatro latas de lixo grandes e uma bicicleta de adulto encostada. Próximo da bicicleta, na parede, há uma torneira.



3.7.m.Pátio interno da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.n.Detalhe do pátio interno da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.o.Vista do pátio interno da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.7.p.Vista do pátio interno da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

A escola é equilibrista porque sua pintura recente esconde uma triste história. Construída em terreno alagado, no decorrer dos anos foi havendo um afundamento no piso, em especial de uma das salas. O chão rachou, o piso afundou e a situação ficou perigosa para as crianças e adultos. Em novembro de 2012 as aulas foram suspensas e, se tivesse havido tempo hábil, equipe e crianças teriam sido transferidas para um clube próximo. A despeito da necessidade, o reparo feito pela secretaria de educação foi superficial: piso e parede consertados, escola repintada e, espécie de prêmio de consolação, a escola ganhou nova parede que fechou uma área, transformada em sala de leitura – o sonho da diretora, em suas próprias palavras. Assim, em junho de 2013 as aulas foram retomadas.

Sem água regularizada, com cheiro da vala de esgoto, de piso remendado em terreno instável e nova pintura, a escola continua se equilibrando, procurando ser para as crianças o espaço que lhes é de direito enquanto aguarda novidades de sua secretaria.

No verso...

O município 6 tem apenas 77,815 km² de extensão e população de 469.332 habitantes. Apesar de ter sido emancipado em 1990 e instalado em 1993, sua história remonta ao início do século XVII, quando lá havia um engenho de açúcar. Os rios que cortam a região, ao transbordarem, formavam mangues e brejos, e por isso a localidade ficou assim conhecida²³.

Este município, em pouco tempo de existência, ainda tem baixo índice de atendimento: 1.833 matrículas e população de 33.302 crianças de 0 a 3 anos, configurando ínfimos 5,5% taxa de cobertura (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). Na urgência de cumprir suas responsabilidades, o município 6 “tem adotado estratégias emergenciais como a municipalização das Casas da Criança, o convênio com instituições filantrópicas e comunitárias e a implantação de turmas de Educação Infantil em espaços de escolas de Ensino Fundamental (SIQUEIRA, 2011:124). Estas estratégias se materializam nos números da Educação Infantil do município: 3 pré-escolas, 10 creches e pré-escolas e 19 escolas de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil. Uma equipe de 6 pessoas realiza acompanhamento mensal destas instituições²⁴.

A secretaria de educação não informou dados quantitativos sobre as instituições conveniadas, apenas que 5 contam com professores públicos cedidos e que 31 recebem material didático-pedagógico, merenda e capacitação de pessoal. Sobre a formação em serviço, esta é oferecida a professores e auxiliares das redes pública e conveniada. A formação é específica para os profissionais da Educação Infantil e acontece em oficinas, palestras, grupos de estudo e eventos. No entanto, a formação a que se referiram foi o Proinfantil²⁵.

O plano de carreira do município 6 foi aprovado em 1998, mas não há concurso específico para a Educação Infantil. Os diretores de creches e pré-

²³ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br

²⁴ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

²⁵ O Proinfantil (Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil) foi um curso em nível médio, a distância, na modalidade Normal, destinado aos profissionais que atuam em sala de aula na Educação infantil, nas creches e pré-escolas das redes públicas – municipais e estaduais – e da rede privada, sem fins lucrativos – comunitárias, filantrópicas ou confessionais – conveniadas ou não, sem a formação específica para o magistério exigida pela LDB (BRASIL, 1996). O Proinfantil foi realizado pelo Ministério da Educação em parceria com os estados e municípios entre 2005 e 2011 (SOUZA, 2011).

escolas são indicados politicamente, com mandato de 4 anos, e precisam ter o curso Normal, graduação ou licenciatura plena.

A situação da escola equilibrista é aviltante, sem abastecimento de água regularizado, ao lado de uma vala de esgoto, com o piso afundando: tudo traz riscos às crianças e adultos. É agravada por decorrer de uma decisão da gestão municipal, que construiu naquele terreno uma escola de Educação Infantil.

Enquanto as fotos da escola equilibrista eram tiradas, a coordenadora, que trabalha lá desde a inauguração, falava sobre a situação com pesar e humor, tristeza e ironia. Suas palavras, ora com ar de vergonha, ora de denúncia, revelavam as dificuldades enfrentadas pelos profissionais, que persistem no compromisso com as crianças e com a Educação. Suas palavras fizeram lembrar as de Benjamin:

Sujeira e miséria crescem como muros, obra de mãos invisíveis, em torno deles. E assim como o indivíduo pode suportar muito por si, mas sente justa vergonha quando sua mulher o vê suportá-lo e ela própria o atura, assim é lícito ao indivíduo aturar muito enquanto está sozinho e tudo enquanto o esconde. Mas nunca é lícito a alguém firmar sua paz com a pobreza quando ela cai como uma sombra gigante sobre seu povo e sua casa. Ele deve, então, manter seus sentidos vigilantes para cada humilhação que lhes é infligida e mantê-los disciplinados até que seu sofrimento tenha trilhado, não mais a ladeirenta rua da amargura, mas o caminho ascensional da revolta (BENJAMIN, 1995:22).

A escola equilibrista parece estar ainda na ladeirenta rua da amargura. À mercê das ações (ou da falta de ações) da gestão, os profissionais enfrentam as consequências de decisões políticas procurando fazer o possível, dia após dia.

3.8. A escola escondida

No município 7 há uma escola escondida. Ela parece pálida. As paredes brancas não exibem nem murais nem placa que indique que ali é uma escola. Não há plantas, árvores ou canteiros. À primeira vista salta aos olhos a grade e o tanto de cimento: chão, paredes, muro. Mar de paredes. Mar seco. Impressão de vazio, de falta de vida!



3.8.a. Entrada da escola
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.8.b. Acesso à secretaria
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Ao entrar no pátio veem-se, ao fundo, duas portas com grades e uma janela pequena, retangular e no alto. Difícil ver através dela. Para as crianças, impossível. À esquerda, um tímido acesso para a secretaria, com um mural e um pequeno canteiro com plantas. A palavra que vem à mente é desmazelo. A janela à esquerda é maior e mais baixa, mas está completamente fechada com uma cortina e não é possível ver nada através dela. A construção faz sombra em boa parte do terreno, mas ao meio-dia, com sol a pino, o calor parece atordoar.



3.8.c. Brinquedo 1
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Nos fundo da escola escondida há um pátio pequeno e com chão de pedriscos. Há somente quatro brinquedos, sendo três de ferro e um também de madeira e com pneu. São um escorrega, uma estrutura para subir, um balanço para

duas crianças e um brinquedo com múltiplas possibilidades, com dois andares, telhado, escorrega, argolas e balanços de ferro e de pneu, uma barra de ferro para se pendurar. A pintura, bem colorida, está desgastada. Os brinquedos parecem ser mais antigos, como os que se vê na escola desconhecida. Não são os de plástico vistos na escola acolhedora, na escola reluzente ou na escola que não deveria ter sido.

No pátio há plantas e algumas árvores, que oferecem uma sombra gostosa. As plantas parecem está lá à espera de cuidados, assim como toda a escola.



3.8.d.Brinquedo 2
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.8.e.Escorrega e vista parcial do balanço
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

As paredes estão cheias de rachaduras e infiltrações, a pintura está descascada. Ao fundo, atrás do escorrega se vê um pneu jogado num canto e uma escada, que parece enferrujada, encostada na parede. Um fio passa pendurado, de uma janela à outra, e outros descem pelo canto. Varal? Fio elétrico? Antena de televisão? Não é possível ter certeza, mas a impressão é de improviso. O possível, o jeitinho. Novamente a escola comunica desmazelo, tristeza.

Por fim, mais duas janelas altas e com grades. As crianças, de dentro, não enxergam o exterior. É um ambiente que não foi construído para ser escola e que, provavelmente, foi comprado ou alugado e (muito pouco) adaptado às necessidades das crianças. Delas, não se vê nem vestígios. Esta escola é mesmo muito escondida.

No verso...

O município 7 é o irmão caçula do município 2, tendo se separado dele em 1890. Tal qual o irmão mais velho e mais importante, originalmente era ocupado

por índios. Colonizadores portugueses ali chegaram no final do século XVI, mas foi com a chegada do jesuítas, na primeira metade do século XVII, que houve uma ocupação efetiva do território, longe do litoral.

Depois de se tornar paróquia, a localidade onde hoje é o município 7 desenvolveu sua economia com base na agricultura, inicialmente na cultura de cana-de-açúcar e, posteriormente, na de café, da qual até hoje há pequenas plantações. Atualmente é um município populoso, com 999.728 habitantes em 247,709 km² de extensão²⁶.

No caso desta escola, o que a torna escondida é, na verdade, a ausência de elementos arquitetônicos materiais e simbólicos que caracterizam a instituição escolar. Esta ausência indica que a escola não foi construída com este fim. Nem a entrada, nem a edificação, nem o pátio: não há traços característicos da cultura escolar (NÓVOA, 1992; FRAGO e ESCOLANO, 2001).

Uma política que leva a Educação Infantil com tal improviso, utilizando imóveis que não foram construídos para serem escolas, sendo eles comprados, ou pior, alugados, é uma política que remete às palavras de Benjamin (1995:22): “Pobreza não é desonra”. Muito bem. No entanto, desonram os pobres. Fazem isso e o consolam com o provérbio”. A dureza dessas palavras é proporcional à sua veracidade. Apenas 3.098 das 50.762 crianças de 0 a 3 anos do município 7 estavam matriculadas em 2009, configurando uma taxa de cobertura de 6,1% (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). Lá, há mais escolas de Educação Infantil conveniadas do que próprias: são trinta e cinco creches e pré-escolas conveniadas e dezesseis próprias. Há turmas de Educação Infantil inseridas em setenta e seis escolas de Ensino Fundamental. Tais dados são indicativos de uma política que pouco investe na Educação Infantil. A escola escondida é uma de muitas que funcionam em imóveis alugados e não construídos para serem escolas, o que ainda pode potencializar um baixo investimento em termos de estrutura, organização e adequação dos espaços às necessidades das crianças e à qualidade do trabalho pedagógico.

O baixo investimento se estende aos profissionais, que ingressam na rede sem concurso específico para a Educação Infantil e cuja formação continuada acontece em grupos de estudos ou em eventos esporádicos. Além disso, há o

²⁶ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br.

agravante de que a formação continuada é oferecida apenas aos professores da rede pública, excluindo os professores das trinta e cinco instituições conveniadas²⁷.

No município 7, sucessivos governantes se elegem às custas dos mesmos cidadãos que esquecem tão logo adentram o gabinete.

Pois, uma vez que, por um lado, o dinheiro está, de modo devastador, no centro de todos os interesses vitais e, por outro, é exatamente este o limite diante do qual quase toda relação humana fracassa, então desaparece, cada vez mais, assim no plano natural como no ético, a confiança irrefletida, o repouso e a saúde (BENJAMIN, 1995:21).

Já na gestão, se esquecem dos cidadãos e das promessas de campanha: a liberdade do diálogo se perde, a consideração genuína pelo outro é abandonada. O dinheiro e o interesse privado alijam a consciência do cargo e do dinheiro e interesse públicos. O povo, a cada campanha eleitoral, se vê aprisionado em um teatro e “obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer parte dela sempre de novo, queira-se ou não” (BENJAMIN, 1995:23).

A escola escondida é fruto de uma política de educação que se aproveita de uma população para a qual pouco já é muito, que não tem voz coesa e que vive sob o lema “cada um por si”, e oferece a esta população um arremedo de escola, muito aquém do que é direito das crianças, tanto em termos de cobertura quanto em termos de qualidade.

3.9. A escola que não deveria ter sido

No município 8 há uma escola que não deveria ter sido. Que nasceu para ser casa, mas acabou sendo escola. Como uma senhora alquebrada, daquelas com rugas que sulcam a pele, essa escola parece pacientemente seguir o seu destino.

²⁷ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.



3.9.a.Pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.9.b.Pátio

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.9.c.Brinquedos

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

O pátio é amplo, gramado, com árvores plantadas há décadas e que oferecem uma generosa sombra. Não se sabe há quanto tempo a casa virou escola, mas os bancos de cimento e os brinquedos em ferro são de material e forma comuns às escolas construídas nos anos 1980. Tais brinquedos ainda se encontram à venda, mas não têm sido mais a escolha nas escolas construídas recentemente.

Cimento e ferro são materiais frios e duros ao toque. O ferro é liso, range, vibra, enferruja. Tanto os brinquedos como a quadra evidenciam a necessidade de manutenção. Os brinquedos, se rendendo ao tempo, mostram um amarelo por baixo do azul e vermelho oficiais do município que, apesar de descascados, mostram o caráter institucional. Mas será este amarelo a cor original dos brinquedos? Será a marca apagada de uma gestão anterior?

A edificação principal da escola só aparece no cantinho de uma foto: também lá o azul e vermelho se fazem presentes em faixas nas pilastras. Há uma segunda construção, pequena e localizada no fundo do pátio, que lembra uma casa de caseiro. Certamente, pela sua dimensão diminuta, não foi construída para ser escola.



3.9.d. Quadra da escola e canteiros
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Ao fundo da fotografia acima se vê a entrada da escola com bicicletas estacionadas: as profissionais que ali trabalham moram perto o suficiente para se deslocarem nelas. Junto ao muro do terreno, há canteiros com uma pequena, mas que parece produtiva, horta.



3.9.e. Pátio
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Nos fundos da escola há um espaço coberto, com um varal cheio de toalhas – parecem ser das crianças. Parece que havia uma ducha externa, que poderia ser um elemento interessante às crianças. Ao deter o olhar, vê-se que não há torneira e que na verdade não há ducha, mas somente o cano saindo da parede.



3.9.f. Amarelinha no chão
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)



3.9.g. Trilha no chão
(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Os brinquedos em ferro, do pátio da frente, convivem com brincadeiras tradicionais, como amarelinha e trilha pintadas no chão, bem como com alguns brinquedos novos, de plástico, iguais aos da escola reluzente do município 1: a casinha e o túnel em forma de trem são iguais. Estes brinquedos são facilmente encontrados à venda em lojas de brinquedos para pátios e playgrounds. São produzidos por um conhecido fabricante de brinquedos, líder no mercado. Daí, e do fato de que desde 2012 estes brinquedos são recomendados pelo MEC, pode ser explicado o fato de municípios diferentes terem brinquedos iguais...

Quanto à presença das crianças que frequentam a escola, são os elementos materiais como os brinquedos e as toalhas penduradas que trazem estes vestígios, uma vez que não há indícios de marcas deixadas por elas nos espaços ou nos objetos.



3.9.h.Brinquedos

(Fonte: Banco de imagens grupo INFOC)

Por fim, intriga ver que uma árvore cercada por grades. Ao lado, os canos amontoados no chão chamam atenção por estarem fora de contexto e oferecerem perigo às crianças. Há quanto tempo é e ainda quanto tempo será escola, esta que não deveria ter sido?

No verso...

O município 8 foi emancipado em 1990²⁸, apesar de fazer parte de uma região relevante desde o início do período colonial. Situa-se no caminho para a Serra dos Órgãos e, com sua terra fértil, que favoreceu o desenvolvimento da agricultura, teve uma situação econômica privilegiada. Durante o segundo Império lá foi construída a primeira estrada de ferro da América do Sul: a Estrada de Ferro Mauá, inaugurada em 1854. Com o término da escravidão, a localidade sofreu uma crise econômica, as plantações desapareceram e durante várias décadas a região ficou paralisada economicamente.

Atualmente o município 8 tem 51.483 habitantes em 360,766 km²²⁹. No que diz respeito ao atendimento em creche, apenas 28,5% das crianças são atendidas, num índice considerado médio/baixo. Em números absolutos, das 3.185 crianças

²⁸ O processo de emancipação de municípios é regido pela Lei Complementar número 1, de 9 de novembro de 1967, acrescida da Lei Complementar número 46, de 21 de agosto de 1984. Dos oito municípios participantes da tese apenas dois, os municípios 6 e 8, foram emancipados nos últimos vinte anos, com base nestas leis.

²⁹ Fonte: IBGE Cidades: www.ibge.gov.br.

de 0 a 3 anos apenas 909 estão matriculadas (NUNES, CORSINO e KRAMER, 2011b). São 11 creches municipais e 20 escolas públicas de Ensino Fundamental com turmas de Educação Infantil, além de 5 escolas privadas (não-conveniadas) com turmas de Educação Infantil³⁰.

O município 8 tem gestão e política precárias, aquém do que a legislação afirma e exige: não há setor específico de Educação Infantil na Secretaria de Educação nem equipe pedagógica que acompanhe a Educação Infantil. A frequência declarada de acompanhamento às instituições de Educação Infantil é lacônica e deixa margem a muitas interrogações: “Quando necessário”.

O ingresso dos profissionais da Educação Infantil é realizado por concurso não específico, com exigência de Ensino médio na modalidade Normal. É alarmante que o município não saiba quantos profissionais trabalham em sua rede: nem professores, nem auxiliares, e muito menos saiba qual o tipo de vínculo empregatício de cada um deles.

Em relação à formação, o município 8 afirma que o MEC é responsável e que somente os auxiliares participam. Na verdade, a referência é ao Proinfantil, um curso em nível médio, a distância, na modalidade Normal, oferecido entre 2005 e 2011 pelo MEC em parceria com as secretarias municipais de educação. Mas essa formação não foi iniciativa do município, muito menos planejada por ele. Todos os dados mostram que este é um município com gestão e política precárias. Tal precariedade ajuda a olhar com mais acuidade a escola que não deveria ter sido.

As características físicas de sua construção e dimensão mostram que esta escola não foi construída para este fim, reforçando que não deveria ter sido. Ou seja, que se tornou escola pela compra ou aluguel, como estratégia de ampliação de vagas.

É interessante a coexistência de brinquedos em ferro, mais antigos, com os de plástico, novos. Não se sabe há quanto tempo a escola funciona neste espaço, mas vale pontuar que a casinha de boneca e o túnel em plástico são iguais aos encontrados na escola reluzente [3.1].

Para além dos brinquedos no pátio, o que identifica esta escola enquanto tal não é nem o pátio, nem a edificação (pelo contrário, mostram exatamente que não

³⁰ Fonte: Dados da pesquisa “Educação Infantil e Formação de Profissionais no Estado do Rio de Janeiro: concepções e ações”, realizada pelo Grupo de pesquisa INFOC entre 2009 e 2011.

é), nem os brinquedos em si, nem os traços da presença das crianças. O que mostra que esta é uma escola é o discurso institucional nas onipresentes cores vermelha e azul observadas no município: nas faixas pintadas nas pilastras, nos bancos, nos brinquedos. A escola tem aparência de casa, mas simbolicamente remete a uma instituição total (GOFFMAN, 1974). Indo além, a onipresença do vermelho e do azul se estende a todo o município, identifica tudo e todos: as escolas, as fronhas nos travesseiros das crianças nas creches, os uniformes dos garis, dos professores e dos demais funcionários da prefeitura, o mobiliário das praças, as faixas nos muros, as calçadas das ruas.

Há algo de revelador num município que tem uma política de educação precária e, ao mesmo tempo, uma gestão competente na impressão de sua marca. Imprimir de forma tão incisiva a marca do governo não é ação ingênua: mostra aos que vivem no município 8 e aos que passam por lá quem está no controle, de onde emana o poder. O município é o maior empregador do município, ou seja, a maioria da população é empregada pela prefeitura. O município pode ser visto, em analogia ao conceito de instituição total (GOFFMAN, 1974), como uma cidade total. As faixas vermelhas e azuis lembram permanentemente aos moradores quem é o grande grupo controlado e quem é o pequeno grupo que supervisiona. Considerando que a prefeitura é o maior empregador do município, o fato dos funcionários serem obrigados a usar uniformes evidencia-o como estratégia de mortificação do eu, despojando os indivíduos de suas características subjetivas.

Há algo de fascista num município que estetiza a política. Como Benjamin (1994) previu, a estetização da política é o caminho dos governos totalitários para a guerra, na qual a humanidade converte-se em espetáculo de si própria. Tornando-se estranha o bastante a si mesma, a humanidade consegue conviver com sua própria destruição como uma fruição estética de primeira ordem. O caminho oposto ao do fascismo, à estetização da política, é a politização da arte proposta pelo comunismo (BENJAMIN, 1994).

Cabe, por fim, destacar uma contradição: o município 8, cidade total, cuja gestão estetiza a política, é o mesmo município que tem uma escola de Educação Infantil que não parece instituição pública, mas sim espaço doméstico. Dentre as escolas da coleção apresentadas neste capítulo, a escola que não deveria ter sido é a que, à primeira vista, menos parece uma escola. Mas que o olhar esteja atento às

marcas, especialmente as sutis: na última fotografia da escola que não deveria ter sido a imagem da árvore cercada por grades grita para além do que se vê.